

# O piano de Carlos Gomes

Na edição de terça-feira, 11 de julho de 1978 - Suplemento Especial - do "Correio Popular" de Campinas, encontramos o seguinte comentário: "Em 10 de março de 1928, realizava-se no Salão do Centro de Ciências, Letras e Artes, na antiga sede dessa agremiação à rua da Conceição, esquina da então Rua Francisco Glicério, uma sessão solene em homenagem ao Estado do Pará. No convite que a Diretoria do CCLA fizera imprimir, lia-se que se tratava de uma Sessão cívica em homenagem ao Estado do Pará, por ter seu ilustre quanto digno Governador, o exmo. sr. dr. Dionísio Bentes, acedido em confiar-lhe a preciosa relíquia do piano de "Carlos Gomes". O piano, que traz a marca de Heitzmann & Filho, de Viena, fornecedores da Corte Real, já se achava em Campinas, na sede do CCLA, trazido pelo cidadão campineiro Armando Nascimento, que o recebera da Associação de Imprensa do Pará, sob cuja guarda até então estivera. A conquistista dessa valiosa peça que hoje faz parte do Museu "Carlos Gomes" do CCLA, foi o resultado de intensa campanha desenvolvida pelo Centro, por intermédio de seu Secretário Geral, Celso Ferraz de Camargo, com a colaboração do representante daquela entidade no Pará, sr. Armando Nascimento. Celso Ferraz de Camargo, em defesa da vinda do piano para Campinas, desenvolveu um trabalho persistente, lutando contra a direção do Museu Histórico Nacional e contra a Revista Fon-Fon, do Rio de Janeiro. É copiosa a documentação sobre o assunto, existente no Museu "Carlos Gomes". Um dos artigos da Revista "Fon-Fon", que bem caracteriza a campanha contra a vida do piano para Campinas, para uma "associação particular confinada numa cidade do interior", é aqui reproduzido na íntegra. Foi publicado em "Fon-Fon", de 14 de agosto de 1926: "Carlos Gomes, como toda gente sabe, faleceu no Estado do Pará e o seu piano ficou guardado na Associação Comercial de Belém.

Ninguém mais quase se recordava da existência dessa relíquia histórica quando o Senador Lauro Sodré se lembrou de promover sua remessa para o nosso Museu Histórico Nacional, que é o lugar apropriado para se custodiarem todas as preciosidades dessa natureza. Estavam as coisas bem encaminhadas nesse sentido, quando o Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas oficiou ao Governador do Pará, pedindo-lhe que fosse entregue de preferência o piano do maestro glorioso. E o sr. dr. Dionísio Bentes, diante disso, ficou sem

saber como resolver o caso. Não podemos atinar com a razão que dê preferência nesse caso ao Centro Campineiro. É uma associação particular confinada em uma cidade do interior, não se podendo comparar com o Museu Histórico, estabelecimento oficial primorosamente instalado, visitado por todos os forasteiros que vêm à capital do País, admiravelmente organizado do ponto-de-vista de catalogação, conservação e exposição de objetos históricos, e contendo já as mais raras relíquias históricas da nossa vida nacional. Não é possível que o dr. Dionísio Bentes hesite na escolha; não é possível que esqueça os compromissos anteriores da remessa do piano ao Museu; não é possível que desfaça o trabalho esforçado e nobre do senador Lauro Sodré, simplesmente para ceder a um pedido esdrúxulo, intempestivo, formulado à última hora. Chamamos para o assunto, data vênica, a esclarecida atenção do governo da República. Estamos quase certos de que o Diretor do Museu não deixará que vingue sem protesto a tal idéia e esperamos que o sr. Ministro da Justiça agirá junto ao governador do Pará no sentido de evitar que seja desencaminhado do Museu, onde já deveria estar, o piano de Carlos

Gomes". Há evidentemente um equívoco nesse artigo, quanto ao local onde fora guardado o piano, que ao deixar o Pará recebeu esta homenagem de **Ettore Bósio**, publicado na "Folha do Norte", de Belém: "Adeus, meu velho amigo! Um decreto governamental se destina a entrega ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, terra natal de teu senhor. Que lá a tua ossada seja venerada e respeitada como merece, pedindo-te que se não esqueças de quem, como eu, te amou e te ama e sente profundamente a tua partida. Teu companheiro desde o último período da existência do imortal maestro, eu, teu sincero amigo; sinto-me deveras ferido, recordando os teus dias, os teus passados vexames sofridos em longos anos de vida, após a morte do grande gênio. Foste martirizado com radicais operações no teu organismo, para servir como humilde colaborador, durante dez anos, no Instituto Carlos Gomes, profanando-se, com indecisa aprendizagem, as saudosas lembranças das febricitantes inspirações do autor do "Schivo", que muito te queria! Foste, depois, segredo a uma fria e úmida sepultura no Teatro da Paz, em um compartimento sem luz, sem ar, habitado por cruéis roedores e noci-

vos insetos. De lá foste salvo pela misericórdia e pelo coração generoso de Lauro Sodré, então governador do Estado, entregando-te sua excelência à Associação de Imprensa. Embora sem cordas, sem marfins e sem vida sonora, mudo, como é mudo o oceano em dia de calmaria, eras ainda e sempre o precioso piano de Carlos Gomes! E ela teve para ti o maior desvelo, hospedando-te na Sala de Honra de sua sede e cobrindo o teu corpo alquebrado pela dor com uma linda e riquíssima capa. Que as tuas cinzas, que nada mais resta de ti, inspirem aos teus novos e ilustres possuidores o caminho, o amor, o respeito sentidamente intensos que o Brasil te deve, porque traduziste as fulgurações do maior gênio da América do Sul - Carlos Gomes! Adeus, meu velho amigo! Adeus! Parte em paz!"

Ofereceu-nos o exemplar do "Correio Popular", o confrade Benedito Barbosa Pupo que, há pouco tempo, esteve em Belém acompanhando a Orquestra Sinfônica de Campinas, quando de sua apresentação no Teatro da Paz, em comemoração a seu centenário. A verdade dessa notícia divulgada em Campinas, agora nos mostra perfeitamente o que ocorreu com a "oferta" e a "saída" do piano de Carlos Gomes para a cidade de Campinas. O Governador Lauro Sodré salvou o instrumento retirando-o dos porões do Teatro, sujeito à fome devoradora dos cupins, pretendendo enviá-lo ao Museu Histórico Nacional; Dionísio Bentes, contrariando decisão anterior de se remeter o piano àquele Museu, preferiu doá-lo ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, terra natal do artista. Acreditamos que ambos erraram. A precisidade histórica deveria ter permanecido em Belém. Com a morte do Campineiro ilustre e imortal, em nossa cidade, aquele instrumento passou a ser patrimônio do Pará. Nenhum governo tem autoridade para proceder dessa forma com o patrimônio público. Duvidamos que, na recíproca, esse fato ocorresse com os governantes de São Paulo que estão acostumados a reivindicar até o que não lhes pertence. **Remember** - a Tela de Baptista da Costa "Doloros Transe" e a "Urna" marajoara que estiveram sob custódia, em mãos de Ademar de Barros! Não fora a grita valorosa - de Frederico Barata pelos órgãos "Associados" - digna da maior exaltação, o Pará teria perdido as duas ricas peças que para lá levaram, clandestinamente, e sabe lá Deus, com que finalidade! Quem desconhece (?) que temos sido uma terra saqueada? E o mal continua, sem cura, sem remédio, sem solução!





## O instrumento do maestro campineiro



Foto tomada no "Museu de Carlos Gomes" em Campinas, vendo-se em 1º plano o velho piano do maestro que o governador Dionísio Bentes doou ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, em 1928. (Ver texto ao lado). Aparece junto ao instrumento o professor, musicólogo e jornalista Benedito Barboza Pupo que gentilmente nos ofereceu o precioso documento.

## O piano de Viena



Uma visão do teclado e da marca de fabricação do tradicional instrumento importado de Viena e no qual o maestro Carlos Gomes tocou e compôs tantas vezes, em Belém, e sobre o qual o maestro "Ettore Bósio" escreveu comentário publicado na "Folha do Norte" que transcrevemos no texto ao lado. Hoje é parte do acervo histórico do Museu Carlos Gomes, de Campinas, no Estado de São Paulo, propriedade do C.C.L.A. daquela cidade, terra natal do grande compositor e notável brasileiro. (Oferta de Benedito Barboza Pupo).

## O Museu de Carlos Gomes em Campinas



A ilustração mostra um salão do Museu Carlos Gomes em sua cidade natal: Campinas. Entre objetos raros e de uso pessoal do compositor do "O Guarany" vê-se o piano que o maestro usava em Belém e foi oferecido pelo governador Dionísio Bentes, ao Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, no ano de 1928. (Ver texto ao lado) — Oferta gentil do confrade Benedito Barboza Pupo que há pouco tempo esteve em Belém com a Orquestra Sinfônica de Campinas, para dois concertos em comemoração ao Centenário do Teatro da Paz. Uma relíquia que deveria ter permanecido em Belém. Mas está muito bem onde se encontra sob a guarda dos conterrâneos do saudoso maestro e uma das glórias do Brasil.